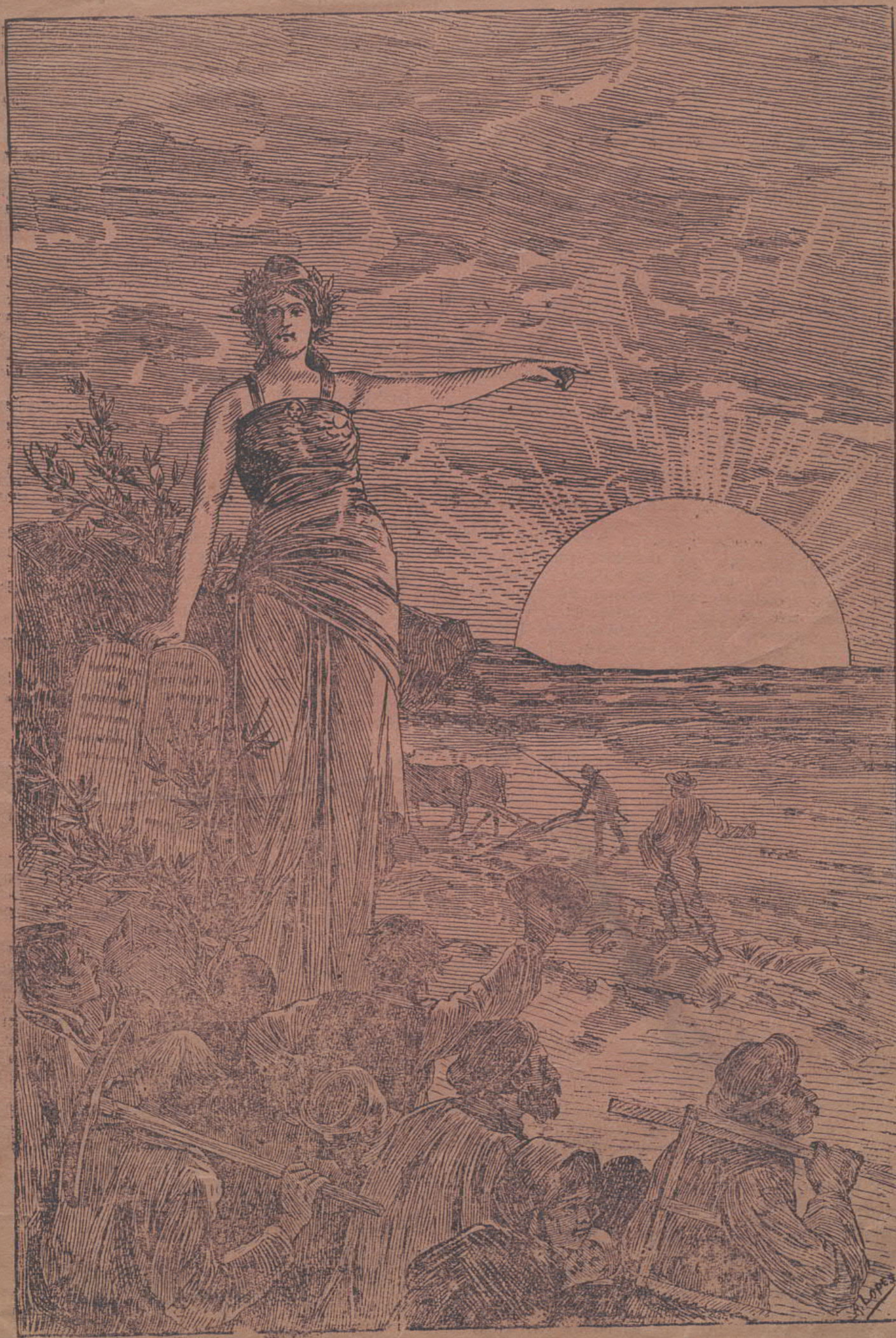


# Fraternidade Operaria

Numero unico dedicado aos operarios excommunistas portuezes





# GUIMARÃES

A antiga villa e moderna cidade de Guimarães, cõrte do conde D. Henrique e berço da monarchia portugueza, acha-se situada a 22 kilometros a sueste de Braga, e é sêde de concelho de 1.<sup>a</sup> classe, autonomo. Foi elevada á cathogoria de cidade por decreto de 22 de junho da 1853, no reinado de D. Maria II.

Den-lhe o primeiro foral, com grandes privilegios, o conde D. Henrique, no anno de 1093, confirmando-lh'o, em 27 d'Abril de 1128, D. Affonso Henriques, ainda infante, e mais tarde D. Affonso II e D. Diniz. D. Manoel deu-lhe novo foral em 20 de Novembro de 1517.

D. Henrique em 1093, D. Affonso III, em 1256, e D. Diniz, em 1324, celebraram cõrtes em Guimarães. Esta antiga e nobre villa tinha voto em cõrtes, com assento no terceiro banco.

Derivam uns o nome de Guimarães, de «Vimaranes», nome da quinta de residencia da condessa Mumadona; outros, de «Via Maris» ou «Via Militaris», legenda existente sobre a porta do antigo castello; outros, de Vimarano, chefe celta, ou gallo-celta, que dirigiu a sua fundação; e ainda outros, de «Wimarano», irmão do rei godo D. Fruela, que a reedificou.

D'esta povoação, parece ter havido duas fundações em locais differentes, mas proximos, sendo a primitiva a antiga «Araduca», fundada pelos turdetanos, junto ao monte Lalito, actualmente monte de Santa Maria; e a segunda, fundada pela condessa Mumadona, que veio a adquirir maior importancia com a residencia do conde D. Henrique.

O antigo castello, hoje em ruinas, foi paço do conde D. Henrique; e seu filho D. Affonso Henriques estabeleceu primeiramente a sua cõrte em Guimarães, até que, mais tarde, a transferiu para Coimbra.

O brazão d'armas de Guimarães é—em campo de prata, a imagem da Virgem, sustendo nos braços o Menino Deus e empunhando na dextra um ramo de Oliveira.



## AVANTE

## OPERARIOS!

O operariado portuense que ha muito tempo vem evidando todos os esforços, transpõdo todos os obstaculos para conseguir um ideal sacrosanto que professa, vem realisar a esta cidade um d'esses passeios que são sympathico o tem tornado em todas as terras onde tem ido, e cujo povo lhe tem dado o melhor agasalho.

É que o nome—operario—que se ouve pronunciar todos os dias e em todas as boccas, ressumbra aos nossos ouvidos como um coro celestial, e j'mais se estingue.

Se muitas vezes malizemos um d'esses obreiros por qualquer facto que pratica, e que ás vezes não passa d'uma maldade, ao contemplar-m'os as suas obras de genial artífis-

ta, ficamos encantados, e lá se nos desprende dos labios aquellas palavras sacramentaes: «pobre homem, é uma pena não ter juizo.»

Já isso denota que todos amamos o operario, e amando-o não podemos deixar de o auxiliar para que elle consiga no mais curto praso de tempo aquelle ideal que os trouxe á lucta:—o bem do operario em geral.

Quem haverá por ahí que deteste tão briosa classe, que constitue um grosso exercito em todo o mundo?

Ninguém! Perdão... ha alguém!...

Ha alguém que detesta os que trabalham, esses bravos heroes que matam o dia á banca d'uma officina, ganhando um escasso salario que no fim da semana levam para mitigar a fome aos seus filhinhos, e que a maior parte das vezes nem para isso chega.

Mas detestam-os! obrigam-os! e porque?

Porque, senhores do que falta ao operario—dinheiro necessario á sua subsistencia, valem-se da sua miseria, castigam-o com o azorrague do trabalho, ameaçam-o com a mordada da fome, para obterem d'elles um dia ou uma semana de trabalho insano, trabalhando muitas vezes mais do que permittem as suas forças, para grangear a estima dos patrões, por uns miseraveis «vintens» que lhes não chega para «pão e caldo».

Entramos na casa d'um operario, e o que vemos?

Um casebre lobrego, sem luz, sem ar, uma triste enxerga sobre umas taboas, uma caixa velha, e alguns trapos com que se agasalham os seus, sem com tudo faltar a este conjunto de pobresa, a indispensavel ferramenta do trabalho.

E porque vê-mos nós tudo isto, e não vemos uma casa ampla e bem mobilada?

Porque allí reina a miseria, e porque o salario do chefe de familia não chega para mais do que o sustento diario, e esse sustento tão minguido, que basta olhar-se para o semblante do operario, para ver-se-lhe desenhado a largos traços o maior mal que o afflige: A FOME.

A fome, operarios!

Avante! não recueis um só passo do programma que tendes traçado.

Apresentae-vos de frente erguida, com a vossa bandeira desfraldada ao vento, ante os poderes publicos, e dizei-lhes todos a uma voz.

—A FOME MATA-NOS, QUEREMOS PÃO,

A fome, operarios!

Vós, que regaes a terra com o vosso suor, produzido pelas fadigas a que vos sujeitaeis um dia infeiro, desde manhã até á noite, para ganhar o necessario e indispensavel sustento que vos rehabilita, mostraes e vossos filhos mostram que teem fome!

Isso nunca, operarios! É necessario luctar, guerrear, mas uma lucta, uma guerra sem treguas para conquistar o PÃO DA VIDA, e para luctar precisaes unir-vos pelos inquebrantaveis laços do lema sacrosanto: FRATERNIDADE, AMOR E SOLIDARIEDADE.

Sim, operarios, uni-vos para luctar, que essa união não vos será custosa em vista do acolhimento que vos teem dispensado os camaradas de todo o reino, que tambem sofrem como nós.

Que os operarios de Braga e Guimarães acolham n'um abraço de irmão os seus camaradas do Porto, filhos da Patria da Liberdade, os primeiros que deram principio á esta campanha, e que se mantenham firmes nas suas resoluções.

E a vós operarios das tres cidades, nós vos saudamos, e fazemos votos para que todo o operariado portuguez levante a sua bandeira engrinaldada com os louros da victoria.

Viva o povo trabalhador!

Guimarães 29—IX—1901.

S. J.





1820-1901

**E**M parte alguma da historia se encontram duas datas de tão flagrante similitude.

E' que agora como então a lucta é a mesma, os campos edenticos e os inimigos nescios successores dos inconscientes d'out'ora.

1820—morre-se, lucta-se, sacrificam-se todas as grandes almas pela liberdade—filha dilecta de Deus; tramam-se as mais intrincadas calumnias contra as grandes ideias e os grandes batalhadores!

1901—trabalha-se denodadamente para uma reabilitação d'esta putrefacta sociedade portugueza; os pobres, os operarios, os que luctam nas camadas inferiores, tem dores moraes cruciantissimas, vivem continuamente acobrinhados, torturados por uma raça maldicta d'homens (?) que só mentem, que só caluniam.

Mas agora como então o que elles julgavam uma utopia será uma realidade; agora como então a lucta é a mesma e agora como então a victoria será nossa!

Saudemos, pois, relembrando estes factos, os que n'uma sympathica confraternisação se abraçam e revigoram as suas forças para a grande lucta d'amanhã.

Que ella seja mais energica que nunca, e que ao ouvir-se o clarim annunciar o momento historico da mais santa das reivindicacões que estejam todos a postos e que nem um só deserte das fileiras bemdictas do exercito da liberdade!

Guimarães, —29—IX—1901.

A. G.



SALVÊ

29-9-1901

**Q**UE será?! Que ouço? Que rumor sinto ao longe, que parece o tremor convulso d'um trovão?... Que será?

E' o operariado vimaranense que se dirige para a estação do caminho de ferro, espe-

rar os seus companheiros da invicta cidade do Porto.

Que ouço? o som harmonico do hymno do trabalho e os vivas delirantes do operariado vimaranense.

Que sinto ao longe que parece o tremor convulso d'um trovão? E' a locomotiva em andamento, que conduz a esta cidade, os filhos amados da cidade do Porto.

Avante pois! Marchemos para a frente esperar e abraçar os nossos irmãos do trabalho e da lucta pelo bem. Sim companheiros marchai, vamos esperar os nossos companheiros que veem cumprir um dos mandamentos do grande defensor dos opprimidos—Karl-Marx:—Prolectarios de todos os paizes, univos.—

Mas hoje 29 de setembro não significa a união de dois paizes, mas sim a união de duas cidades, ambas nobres, ambas livres e ambas fortes baluartes da industria nacional e mais fortes ainda no movimento operario

Porto e Guimarães.

Salve pois o dia memoravel de 29-9-1901

Lancemos n'este dia os fortes alicerces da sociedade futura, n'esta cidade de Guimarães.

Estrondeiam os foguetes, repercutindo seus echos por esses montes álem! As musicas entoam o hymno suave do 1º de maio! Retumbam nos ares os vivas do povo trabalhador d'esta cidade! O silvo da locomotiva sôa-nos aos ouvidos... Eil-os!!! Os filhos bemdictos do trabalho. Eil-os que chegam. Dai-lhes o vosso braço fraternal. Saudai-os e dizei: Salvé 29—9—1901.

Antonio de Carvalho.



BEM VINDOS!

Entre uma ancia febril e ardente,  
Amigos, eu vos espero...  
E em canto doce, fremente  
Acolher-vos tambem quero.

Pem vindos, então sejaes,  
Filhos purissimos da Arte,  
Que um dia a terra que honraes  
Será o vosso baluarte.

Guimarães.

A.



## VOZES...

**L**ANCAM-SE hoje ao papel, frementes, triumphantes, milhares de gritos das consciências por ventura ainda livres. Ecoa no espaço esse som agudo das almas anhelantes de paz, d'amor, de fraternidade, mais rijo sem curvada que o do trovão, que passa, que estoura por um momento nos ares eclipsados.

Consoancia divina a festejar a aparição d'auroras louças e boas, lindas como o sol em abril, vermelhas como os poentes de estio, com fulgôres suaves valando horizontes escuros; arrancos febris de dores horrosas, um desencadeamento enfim de projeções electricas, terríveis e funestas na apparecia, bellas e fomentadoras na realidade.

Caminhamos para a luz a passos agigantados, como o mendigo soluçante caminha para o abysmo que o afoga em trevas.

Mas ha tambem, desgraçadamente, quem queira estorvar-nos, impoado silencio ás boccas que pedem justiça, enterrando em cereções bondosos o punhal ardente da mentira, da hypocrisia estulta e penosa. Querem curar um dor com outra dor talvez mais acra. Pretendem involver as fileiras dos opprimidos no vagalhão enorme de inaudita immoralidade.

Descançae obreiros do perigo; é finda a vossa missão na terra. Não mais, não mais podereis erguer a vossa espada de fogo sobre cabeças humildes.

Estacae para traz, que a «costrada do dever» expelliria de si uma grande chamma para vos sugar as carnes intumescidas e nadas.

Não paleis transpôr os humbraes d'esta eternidade de luz, d'amor!

Quem pretender gozar esta «masião», que conquistamos, hade provar que atravessou o cabo tremendo da vida a chorar lagrimas tristes, de suprema afflicção, sem nunca ouvir, notaie bem, uma voz amiga que lhe ministrasse conforto.

Negasteis p'ço, não mereceis abrigo. Ficade lá fora, a gemer sempre, como nós gememos por largas auras.

Sacrificae-vos, e depois, se vos atreverdes a bater á nossa porta, esqueletricos e quasi moribundos, então é provavel que algum de nós vos dispense um sorriso de inimito affecto: distribuir affectos não custa, por isso val-os daremo'...

E tudo isto porque nunca cumpristeis com amor aquelle humano preceito—«dae p'ço a quem tem fome»; nem jamais os vossos actos n'esta vida se regularam por aquella doutrina, que encerra uma philosophia de inenarravel belleza—«não faças a outrem aquillo que não querias te fizessem a ti».

Ah! supremo escarneo, aberração criminosa de deveres a natureza imp'ca.

E clamae o brinco, como oceano revoltado, contra a implantaçõ da Fraternidade entre os homens! Que! pois pretendeis acobri-llur despieladamente este numeroso batalhão de desherdados, que conduz o facho do civismo, da idea nova, a todos os cantos do Universo, como se fora possível apagar convicções robustas, interromper o avango impetuoso do progresso para o templo sagrado da justiça?

O vosso riso alvar nenhum valor tem, porque nada traduz de efficaç. O furozõ que se quebra n'essas algemas, dôcemente, elevando-se na amplidão do espaço a voz amiga da Fraternidade, que não falla a ligurgica escrutadora da Verdade e abafa os regongos da maquina insidiosa.

E para tanto, confessémol-o, é preciso que sejamos livres.

Não se assustem vergonhosamente os que ouvem falar de Liberdade, porque, desfructuol-o com a maxima

fratrosidade entre captivos é como o sol de inverno, que só a espaços brilha.

Somos amigos da paz, da ordem imperiosa que limita os campos da lucta.

Não queremos que de nós diga um dia a historia, como aconteceu em Fracia por occasião de sua revolução de 1793: «Gloria-se de p'ço de ser homem ao considerar aquelle povo».

Não, não queremos isso.

E' de certo mais bello o nosso ideal, porque a pecha sanguinaria e incoherencia d'assaltos tanto é demerendo negra, é inhumana. Não queremos conquistur corações, dispersar os brigos.

Fuadamos a «Religião da Fraternidade» ao mesmo tempo que trabalhamos para adquirir meios, que nos garantam um viva! mais augustoso.

É um caminho licito pela existencia amargada. E' um caminho de moedas... que significam amor. É a encicira de procurar p'ço para o espirito e para a materia, visto que persistem em nob'o negarem.

As nossas humildes vozes juadam-se hoje ás vossas, queri os visitantes, e Deus queira que ali fique um echo infindo de grata recordação, pela fidalguia dos vossos sentimentos e efficaç das doutrinas, que sem duvida easiareis ao operando virmamente.

O contrario d'isto, será uma vergalhosa derrada.

1301

J. P.



## Salve, pois, trabalhadores!

**E** hoje para nós trabalhadores um dia glorioso, porque encontramos entre nós, aquelles que imitam do mesmo pensamento generoso e altruista e soffrem da mesma fome e dor.

E' hoje que nos encoiramos com aquelles, que como nós servam de instrumentos mechanicos necessarios á fabricaçõ de tudo que embelaza a terra, e serva de occasidade aquelles que tudo consomem e nada produzem.

A vossa visita para nós representa muito, porque ainda vivemos entorpecidos das algemas da antiga escravatura, em que o operario não era um ser humano, mas sim um burro de carga que, chicoteado pelo seu senhor, tinha que obedecer ás suas leis.

Vinde! que nós vos recebemos com os braços abertos para vos apartar de encontro ao novo seio.

Guinbertos, berço primitivo da monarchia portugueza e de muitos homens illustres, vos abra as portas o Torcedo-vos hospitalidade n'este fio festejado dia.

Sede bem vindos, compaheiros e irmãos do trabalho, sede bem vindos!

Deixae recitade do trabalho, e vinde a nós dizer-nos qual é o caminho que devamos seguir, para encontrarmos a Justiça do bem e da Razão.

Aqui tambem se disputa o grande problema da emancipação do proletario. Aqui tambem se soffre o duro martyrio d'un trabalho atroizante, resultante d'elle serem atirados, para o altar dos canileries, parte dos nossos compaheiros.

Demos os braços, unamos os corações e as esperanças. Cojuguemos os esforços e as energias. Seja este abraço um vigoroso impulso para a fraternidade universal. Salvé, porisso, povo trabalhador.

A. J. Oliveira



**Salvè Guimarães, cidade**

**augusta que recebes hoje**

**em teu seio os filhos**

**dilectos do trabalho !!**



## A miseria do operario

**E**u bem queria achar uma expressão com que pudesse saudar os homens nobres e mais illustres do mundo; aquelles que arrancam com o suor do seu rosto o mizero pão para o sustento de seus filhinhos; aquelles homens illustres que com o producto de seu trabalho innobrecem a terra; aquelles que para receber um mizero salario chegam a cahir por terra faltos de forças pela sua fraca alimentação mas tudo pela honra, pelo brio e pela familia, que lhe está representada ante seus olhos.

Vê os filhos com a mão estendida pedindo-lhes pão, vê a espoza esfarrapada, pedindo-lhe ves'es, enfim vê-se o operario em uma senda de espinhos, porque acaba de ver seu corpo desfallecido sem poder alcançar as grandes fadigas do dia, sem poder valer á necessidade de seus filhos, de sua espoza, de tudo quanto o atormenta.

Mas porque é, que o pobre operario não pôde pelo seu trabalho arrancar-se do meio de tantas difficuldades? Ah! sim, porque o seu patrão não lhes dá o salario merecido, porque a infelicidade o protege.

E essa infelicidade d'onde nasce?

Da honra do operario.

Por isso filhos do trabalho hoje unidos em um só conjuncto dizei: o trabalho é honra!

E vós filhos da patria de Affonso Henriques, abraçae os homens mais nobres do mundo com todas as véras do vosso coração, esses que hoje vos vem visitar.

SALVÉ OPERARIOS DO PORTO E BRAGA!

F. A. Silva.



## HEROES !...

Da guerra dada em sentença  
Contra inimigos ferinos,  
Por arma tendes a crença,  
Por balas, os vossos hymnos.

LIBERDADE—por pendão,  
FRATERNIDADE—por lemma,  
AMOR—por doce affeição.  
Que bello e justo trilemma!

E seja assim sempre a lucta  
Aberta contra os traidores,  
Que d'essa heroica disputa  
Vireis a ser vencedores!

Juvenal.

## Aos meus camaradas

### portuenses e vimaraneses

**S**E o tempo traz para o homem o ensinamento que jamais esquece, para as ideias traz o desenvolvimento e o progresso que o radica e faz triumphar no mundo moral ou mesmo no mundo phisico.

Lança a semente á terra e vereis como germina.

O baluarte do trabalho está posto e bem posto; nada ha que possa oppor-se ao seu regular desenvolvimento; nada que possa evitar-lhe o triumpho...

Procuram retardar-lhe o advanto, pois bem, evolucionemo-nos, eduquemos o espirito, principalmente dos nossos; chamemos uns á vida e á lucta pelos seus interesses; chamemos outros a formar na vanguarda do grande exercito do futuro, e caminhemos todos com fé e perseverança á conquista da Paz, da Justiça e do Amor.

Trabalhemos todos para que isso se consiga e deixemos o resto, que virá por si mesmo.

A'vante, pois, camaradas, pela emmancipação do povo trabalhador.

Mathias—velho (operario).



## VINDE!...

Oh! aves mensageiras que mostraes  
Uma nova aurora no semblante,  
Deixae que arripe a greuha o «Daute»,  
E que solte lá do «Inferno» ais.

Vinde já mostrar-n'os o caminho  
Que hê-mos de seguir em crise tal,  
Para faser saber ao—Capital  
Quanto vale o braço d'um «mesquinho».

Guimarães, 29—IX—1904,

S. Junior





## O FILHO DO OPERARIO

Dizia o velho ferreiro  
A seu filho refractario:  
—«Co' esse mo'lo preguiceiro  
«E's sempre um mau operario—  
Dizia o velho ferreiro  
A seu filho refractario.

«Olha, vê como aqui malho  
«N'este ferro resistente...  
«A honra, filho, é o trabalho  
«Que ennobrecê toda a gente:  
«Malha enfão, pois, como eu malho  
«N'este ferro resistente...»

«Deixa a Preguiça, o peccado  
«Nogento, vil, deprimente.  
«E vem aqui a meu lado  
«Trabalhar como um valente...  
«Deixa, portanto o peccado  
«Nogento, vil, deprimente...»

«Se não fossem estas mãos  
«Q' e aqui tu vez callejadas,  
«Jámais estas minhas cans  
«Passariam por honradas...  
«Se não fossem estas mãos  
«Que aqui tu vez callejadas...»

«Vamos, filho... a tua mão...  
«Trabalhemos com disyello  
«Porque inda o p'ro d'amanhan  
«Está aqui n'este martello...  
«Vamos, filho... a tua mão...  
«Trabalhemos com disyello...»

Enfão o filho rasgou  
A mascara que o envolvia,  
E com o pae trabalhou  
Com afan aquelle dia...  
—Foi assim que elle rasgou  
A mascara que o envolvia.

Ell' já não é refractario  
Mas um filho dos mais ternos,  
Tornou-se um bom operario  
Ante os conselhos paternos.  
Ell' já não é refractario  
Mas um filho dos mais ternos.

Guimarães.

J. Leite d'Abreu.



## 29 DE SETEMBRO

**G**UIMARÃES, a nobre patria de D. Affonso Henriques, mais uma vez orgulhosa, vae receber dentro das suas muralhas a briosa classe operaria do Porto e Braga.

E' pois, mais uma pagina brilhante, cheia de gloria a registrar nos annaes da sua historia opulenta.

Por isso, hoje, n'este dia solemne revestido de gallas, todo o bom vimaranense, homens e mulheres, sem distincção alguma de classe, devem, por momentos, suspender os seus misteres e ir esperar, receber de braços abertos esses intrepidos rapazes que tanto nos teem honrado com suas visitas.

Eu, pela parte que tambem me toca, vou, e, num abraço intimo, abraço de irmão, prestar-lhes-hei a homenagem de verdadeiro camarada.

Ao Cavallinho, pois, ditosos vimaranenses... Recebei com galhardia esses amigos do trabalho; deixai-os passar em triumpho; estendei allas pelas ruas do seu trajecto e aclamai-os em unisono porque são dignos de respeito e veneração.

Guimarães.

J. L.



**P**ORTUENSES heroes do trabalho, crentes conquistadores e propagadores da fé social, é devéras honroso aproveitardes o curto descanso dominical, as minguidas sobras do parco salario que fruis da lucta pela vida laboriosa e honesta, para vos recreardes familiarmente, visitando cidades augustas, instituições utilissimas, admiraveis monumentos historicos e, sobretudo, colherdes fructos sazonados da fraternidade social dos vossos fieis e humildes camaradas.

E é porisso, leaes patricios e companheiros meus, que o sensato operariado livre e crente d'esta cidade, tão nobilissima e hospitaleira por excellencia, laboriosa na industria e fertil na sciencia, como brilhante na historia e heroica na tradição, sabe corresponder dignamente á gentileza da vossa visita d'hoje, acolhendovos carinhosa e solidariamente e fasendo-vos uma recepção excepcionalmente festiva, entusiasta e vibrante, de mistura com as polyantheas que vêdes na «Fraternidade Operaria» e ás quaes juncto esta saudação singella.

Saudando-vos, pois, guardae o justo valor da festa d'hoje no sacrario das vossas conquistas, que, sem duvida, será mais um passo firme para a reivindicacção do vosso edeal e direitos da classe operaria, a que me honro de pertencer com justificado orgulho e satisfacção.

Guimarães,—1901.

Ferreira Porto.





*Aos operarios Bracarenses na sua  
visita a Guimarães*

29-9-1901



Guimarães, Typ. do Jornal de Guimarães